

O DIÁLOGO ENTRE LITERATURA, CINEMA E SOCIOLOGIA: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PÓS-MODERNO*

Patrícia Fernanda Schneider Krahn **

Resumo: A literatura constitui-se em um campo imensamente fértil para o diálogo com outras áreas de conhecimento, o que possibilita um maior aprendizado sobre o mundo e a cultura para os estudiosos da arte literária. Assim, a presente proposta de trabalho prevê um diálogo entre literatura, cinema e sociologia, sendo que se baseia na adaptação do romance “As horas” para o cinema, o que permite uma ampla e rica reflexão sobre a constituição do sujeito e da sociedade pós-modernos, bem como uma análise sobre a transposição de uma linguagem para outra.

Palavras-chave: Literatura, cinema, sociologia, pós-modernidade, subjetividade, consumo.

Abstract: Literature is a very fertile area in order to promote a dialogue between different areas such as literature, cinema and sociology, for example. So, the present work foresees this interchange between areas by the adaptation of the post-modern novel *The hours* to the cinema as a way of improving our students' knowledge about the post-modern society and the subject engendered in it.

Key-words: Literature, cinema, sociology, post-modernity, subjectivity, consumption.

* Texto baseado na pesquisa da autora referente à dissertação de Mestrado, intitulada A FRAGMENTAÇÃO DA PERSONAGEM PÓS-MODERNA EM “AS HORAS” E OS DESAFIOS DE SUA ADAPTAÇÃO PARA O CINEMA.

** Mestranda em Teoria da Literatura pela PUCRS, com término do curso previsto para janeiro de 2005.

Em uma época de especialização extrema como a em que vivemos, talvez finalmente seja tempo de nos voltarmos para os lados e de abriremos os olhos para o todo. Isso se refere também às áreas do conhecimento para que não fiquem fechadas em si mesmas, perdendo, assim, a oportunidade de se enriquecerem mutuamente. Isso, porém, não significa que devem querer dar conta de tudo, o que é outro extremo e, portanto, também não aconselhável.

No que tange à literatura, é necessário que modifiquemos nosso modo de pensar sobre ela, visto que não é uma arte isolada, alheia ao que se passa em seu torno. O próprio modo de ver o literato é indicativo desta maneira de pensar sobre a literatura, pois o senso comum o concebe como um intelectual isolado, alheio ao que se passa ao redor e com a "cara enfiada nos livros" o tempo todo.

O conhecimento de mundo que a literatura nos apresenta é múltiplo e intenso. Por ser um importante produto cultural, ela dialoga com várias áreas do conhecimento, sendo por elas influenciada e influenciando-as.

A literatura é, portanto, campo fértil para estabelecer diálogos com outras áreas, visto que nela estão as visões de mundo de uma cultura, as ideologias de um povo, além de aspectos teológicos, sociológicos, filosóficos, dentre outros. A literatura, afinal, espelha a cultura, o povo, o contexto em que é produzida. Assim, a melhor forma de conhecer um povo, uma civilização, de saber como pensa, é conhecendo sua literatura.

Desse modo, é impossível conceber-se a literatura fora do contexto social, que, de uma ou outra forma, é recriado pelas obras literárias, pois uma obra não consegue ser inovadora a ponto de sua matriz não residir no momento histórico em que é produzida, assim como é impossível a matriz da personagem literária não estar no sujeito que vive este momento. Torna-se difícil furtar-se a isso: uma obra de arte pós-moderna, por exemplo, reflete o momento em que se insere, no sentido de ser múltipla, inovadora nos sentidos lingüístico e temático, geralmente, além de possibilitar inúmeras leituras e pontos de vista diferentes projetados sobre ela.

Assim também o sujeito gerado pela sociedade pós-moderna e representado na literatura do período reflete a sociedade consumista em que se insere, bem como é influenciado por sua ideologia, sua cultura e pelas relações sociais geradas por estas últimas.

No momento em que estamos inseridos, a sociedade de consumo vem pautando as relações sociais e interferindo sensivelmente na subjetividade, de modo que o ser humano, frente a todo esse contexto capitalista, acaba sendo tratado também como mercadoria.

Além disso, ligado a essa tendência contemporânea ao consumo, por vezes compulsiva, há um pensamento de fruição, de aproveitar ao máximo o momento, de realizar o que se tem vontade de realizar: um *carpe diem* coletivo e histórico. A preocupação primordial é com o presente imediato e com o acúmulo de bens materiais que possam proporcionar mais fruição.

A sociedade pós-moderna encontra-se fatigada, não no sentido de fadiga física, mas num sentido muito mais amplo e preocupante. Conforme Baudrillard (1981, p. 225), é o novo "*mal du siècle*", "síndrome(sic) colectivo das sociedades pós-industriais" e o autor fala ainda "de *desgaste nervoso*, de *depressividade* e de conversão psicossomática". Segundo o filósofo, esta sociedade que:

se considera e se contempla em progresso contínuo para a abolição do esforço, para a resolução das tensões, para maior facilidade e automatismo, surge na realidade como sociedade de stress, de tensão, de doping, em que o balanço global de satisfação acusa um deficit cada vez maior, em que o equilíbrio individual e colectivo se vê cada vez mais comprometido precisamente na medida em que se multiplicam as condições técnicas da sua realização (Baudrillard, 1981, p. 225-226).

Uma das conseqüências de tudo isso é um esvaziamento do ser, que se restringe a ter e uma insatisfação cada vez maior. Assim, por sentir-se tão descartável quanto os produtos que consome e, por vezes, não conseguindo mais ater-se nem mesmo a relacionamentos duradouros e sinceros, influenciado por toda a superficialidade e transitoriedade características dessa época pós-moderna, sente seu eu interior esvaindo-se, despedaçado.

Sente-se, de fato, uma das figuras de Picasso, pois o cubismo foi um movimento de revolta, que influenciou a pós-modernidade e que já apresentava a deformação da figura cada vez mais acentuada, principalmente o cubismo analítico. Picasso pintou *Guernica*, por exemplo, utilizando-se desse estilo fragmentado, como uma forma de chamar a atenção para a guerra civil espanhola e as atrocidades que estavam sendo cometidas para com seu povo.

Portanto, o intenso confronto entre *ser* e *ter* constitui um sujeito atormentado por conflitos interiores insondáveis, praticamente inexplicáveis, que se devem em grande parte a influências de períodos anteriores, como o próprio Modernismo, cujas vanguardas artísticas já apresentavam a idéia antitradição e questionadora, talvez somente exacerbada no Pós-Modernismo.

As influências configuradoras das características atuais, na verdade, também já residem na Revolução Francesa, segundo Micheli (1991), que modifica a concepção de povo e liberdade. Além disso, um importante marco da situação atual do sujeito, de sentir dificuldades de exteriorizar o que sente, conforme Benjamin (1975), encontra-se no contexto pós-Segunda Guerra, da qual as pessoas retornaram mudas. Elas não sabiam mais relatar suas experiências e sofriam, sem externar os sentimentos. Um novo homem e uma nova sociedade se delineavam a partir daí.

Em nossa sociedade pós-moderna, altamente consumista e capitalista, portanto, o ser vive estes novos dilemas. Passa por vezes a sentir-se como as próprias mercadorias que consome: descartável, efêmero e incapaz de relacionamentos profundos e duradouros. Além disso, está constantemente exposto a pressões e competições que o dilaceram. Ocorre, assim, conforme Jameson (1997), um esmaecimento do afeto nessa nossa sociedade. As pessoas já não são mais capazes de travar as mesmas relações duradouras e consistentes que mantinham antes. Tudo é efêmero e fugaz. Não há mais verdades absolutas.

Lasch (1990, p. 22) nos explica que:

a produção de mercadorias e o consumismo alteram as percepções não apenas do eu como do mundo exterior ao eu; criam um mundo de espelhos, de imagens insubstanciais, de ilusões cada vez mais indistinguíveis da realidade. O efeito especular faz do sujeito um objeto; ao mesmo tempo transforma o mundo dos objetos numa extensão ou projecção do eu.

O ser que integra a sociedade pós-moderna não é, totalmente, ou lhe cercearam o direito de ser, devido ao fato de que o mundo exterior, materialista e capitalista, o influencia terrivelmente e é causa de seus conflitos.

Frente a todas essas importantes questões, consideramos essencial importante que o professor instigue os alunos a refletirem, a partir do texto literário que apresenta estes aspectos, sobre a condição humana nesta sociedade em que vivemos, visto que educar para transformar os alunos em sujeitos críticos constitui-se em uma importante meta da educação e, portanto, também da literatura. Isso se torna possível quando a literatura é vista também como ponte para outras áreas, apesar de, claro, e é importante enfatizar, o texto literário ser o principal foco.

A fim de compreender o contexto, bem como o sujeito que nele se forma, o que, enfim, reflete na personagem que transita na literatura, é muito importante que essa compreensão seja buscada nos produtos culturais. Assim, além da literatura, o cinema é um importante instrumento para reforçar essa observação.

A presente proposta de trabalho transdisciplinar tem como objeto a obra literária *As horas*, de Michael Cunningham, em que foi baseado o filme homônimo. O romance apresenta personagens atormentadas por não se sentirem satisfeitas com a vida que possuem, apesar de esta ser confortável e perfeita para os padrões da sociedade em que vivem. Elas sofrem por não sentirem o que desejariam sentir. Ao mesmo tempo em que sua excessiva sensibilidade as faz sofrer, fazendo com que tentem mascarar sentimentos e cobrir silêncios com objetos e atividades exteriores, elas são apáticas frente ao que está diante delas, frente ao momento que estão vivendo.

O cinema é um rico campo de interação com a literatura, visto que muitas vezes baseia-se na adaptação de obras literárias para o meio cinematográfico, como ocorre com *As horas*. Além disso, o cinema, assim como todas as áreas que trabalham com a imagem, encontra-se em um momento de intensa valorização na pós-modernidade, pelo seu caráter de imagem, que proporciona instantaneidade e rapidez de aquisição cultural.

Assim como a literatura, o cinema apresenta inúmeras influências pós-modernas. À medida que o sujeito pós-moderno parece calar-se gradualmente, refletindo na criação de romances cada vez mais intimistas, com menos ação exterior à personagem, também o cinema vem apresentando filmes com personagens mais reflexivas e menos ativas, no sentido comum do termo:

Se, de fato, o sujeito perdeu sua capacidade de estender de forma ativa suas protensões e retensões em um complexo temporal e organizar seu passado e seu futuro como uma experiência coerente, fica bastante difícil perceber como a produção cultural de tal sujeito poderia resultar em outra coisa que não um amontoado de fragmentos e em uma prática da heterogeneidade a esmo do fragmentário, do aleatório (Jameson, 1997, p. 52).

Apesar de cinema e literatura serem textos que necessitam de alguma indeterminação para possuírem riqueza estética, isto é, nada pode ser explícito demais para que não se perca

a necessidade de o leitor completar as lacunas de sentido, a literatura parece ter algumas vantagens, em alguns aspectos, em relação ao cinema. Segundo Martin (2003), um dos grandes problemas da imagem, mais especificamente do cinema, consiste em exprimir a interioridade de um ser, isto é, na expressão do conteúdo mental e sentimental:

enquanto o escritor pode dedicar páginas e páginas à análise mais íntima e minuciosa de um instante da vida de um indivíduo, o cinema, condenado a uma estética fenomenológica, obrigado a descrever de fora os efeitos objetivos dos comportamentos subjetivos, deve esforçar-se para sugerir com maior ou menor simbolismo os conteúdos mentais mais secretos e as atitudes psicológicas mais sutis (Martin, 2003, p. 238).

De fato, isso pode representar um significativo problema para a arte cinematográfica atual, visto que os tempos pós-modernos vêm revelando uma necessidade maior de explicitar os sentimentos e conflitos intensos de um sujeito absolutamente fragmentado por uma sociedade em que o lado interior das pessoas parece ter muito menos importância do que a quantidade de bens materiais que possuem. Assim, como o cinema possui dificuldades frente à exteriorização de sentimentos na tela, encontramos aí um desafio a resolver, a fim de este sujeito atual poder expressar-se adequadamente.

Esta se constitui em uma das formas de o professor trabalhar a literatura deste período conturbado e múltiplo. Verifica-se, assim, que a literatura reflete o momento de sua produção, configurando um sujeito em que os seres reais se espelham, por terem, basicamente, os mesmos conflitos e anseios. Do mesmo modo, o ensino da literatura conta com a possibilidade de, além de trabalhar a obra literária, bem como sua transposição para outro meio, analisar o sujeito dessa nova sociedade, em que, afinal, estamos todos inseridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. et al. **Textos escolhidos**. (Os pensadores) São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1975.

CUNNINGHAM, Michael. **As horas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

JAMESON, Fredric. **A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.

LASCH, Christopher. **O mínimo eu**: Sobrevivência psíquica em tempos difíceis. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MICHELI, Mario de. **As vanguardas artísticas**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.